

OS REFUGIADOS
E OS JOGOS
OLÍMPICOS:
A REPRESENTAÇÃO
MIDIÁTICA DA
INICIATIVA DE
INCLUSÃO DO
COI NOS JOGOS
DE TÓQUIO 2020

[ARTIGO]

Fernanda Paraguassu

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mohammed ElHajji

Universidade Federal do Rio de Janeiro

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Desde os Jogos Olímpicos Rio 2016, uma equipe de atletas refugiados lembra o mundo do desafio humanitário contemporâneo, competindo sem carregar a bandeira dos seus respectivos países de origem. A proposta deste artigo é refletir sobre a iniciativa do Comitê Olímpico Internacional (COI) de contribuir com a inclusão e facilitar o processo de integração dos refugiados nas comunidades acolhedoras, a partir da representação midiática da participação da equipe olímpica de refugiados nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020. Os cadernos especiais dos jornais *O Globo* e da *Folha de S.Paulo* publicados durante o megaevento esportivo realizado em 2021 serão analisados qualitativamente para identificar de que forma o *Outro* foi representado ou até mesmo esquecido. Afinal, por que incluir refugiados nos Jogos Olímpicos? Qual é o sentido dessa inclusão? Em que medida narrativas de direitos humanos incluem para excluir, mantêm preconceitos e reproduzem estereótipos?

Palavras-chave: Refúgio. Representação. Mídia. Jogos Olímpicos.

Since Olympic Games Rio 2016, a team of refugee athletes has reminded the world of the contemporary humanitarian challenge, competing without carrying the flags of their own countries of origin. The purpose of this article is to reflect on the initiative of the International Olympic Committee (IOC) to contribute to the inclusion and facilitate the process of integration of refugees into the host communities, based on the media representation of the Olympic refugee team's participation in the Olympic Games Tokyo 2020. The special sections of the newspapers *O Globo* and *Folha de S.Paulo* published during the mega sporting event held in 2021 will be qualitatively analyzed to identify how the *Other* was represented or even forgotten. After all, why include refugees in the Olympic Games? What is the meaning of this inclusion? To what extent do human rights narratives include to exclude, maintain prejudices, and reproduce stereotypes?

Keywords: Refuge. Representation. Media. Olympic Games.

Desde los Juegos Olímpicos Río 2016, un equipo de atletas refugiados recuerda al mundo el desafío humanitario contemporáneo y compite sin portar la bandera de su país de origen. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la iniciativa del Comité Olímpico Internacional (COI) de contribuir con la inclusión y de facilitar el proceso de integración de los refugiados en las comunidades de acogida a partir de la representación mediática de la participación del equipo olímpico de los refugiados en los Juegos Olímpicos Tokio 2020. Las secciones especiales de los diarios *O Globo*

y *Folha de S.Paulo* publicadas durante el megaevento deportivo realizado en 2021 serán analizadas cualitativamente para identificar cómo el *Otro* es representado o incluso olvidado. Después de todo, ¿por qué incluir a los refugiados en los Juegos?, ¿qué significa esta inclusión?, ¿hasta qué punto las narrativas de derechos humanos incluyen para excluir, mantienen prejuicios y reproducen estereotipos?

Palabras clave: Refugio. Representación. Medios de comunicación. Juegos Olímpicos.

Introdução

A História dos Jogos Olímpicos mostra que o esporte tem sido um potente instrumento de comunicação política, apesar do discurso de dirigentes no sentido de transmitir a mensagem de que tentam manter a pureza dos valores do olimpismo e afastar a política das arenas esportivas. Por trás da promoção do esporte, da cultura e da educação para a construção de um mundo melhor, com base na excelência, na amizade e no respeito, há algo mais além das pistas de competição. O ouro do pódio transmite uma mensagem subliminar na tentativa de reforçar as vantagens relativas das ideologias do país vencedor. “Os Jogos Olímpicos não são mais – se é que já foram – apenas um evento esportivo: são um fenômeno cultural, político e econômico” (TOOHEY; VEAL, 2007, p. 6).

São evidentes os momentos históricos em que o controle hegemônico do capital internacional visou o lucro em detrimento dos interesses das massas e dos próprios atletas. Ameaças de boicote ao país anfitrião foram armas políticas para demonstrar insatisfação com as decisões dos organizadores. Foi assim, por exemplo, em 1972, quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) determinou a continuação do evento em Munique, após o ataque terrorista que matou atletas israelenses, e equipes de diferentes países desistiram de competir por causa da tragédia. Também em 2021, quando em meio à pandemia de covid-19, apesar dos apelos da população japonesa que temia os efeitos da propagação do vírus, o COI decidiu realizar os Jogos no ano seguinte ao programado, sem público nas arenas e mantendo a marca Tóquio 2020,

para evitar maiores prejuízos financeiros. Mas, oficialmente, a mensagem foi de magnanimidade.

Esses Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 têm um significado muito especial. Todos os Jogos Olímpicos, em primeiro lugar, unificam o mundo em uma competição pacífica, onde todos respeitam as mesmas regras e todos são iguais. (...) Mas para Tóquio, o que a torna tão especial, é este **sinal de esperança, esta grande mensagem de esperança que dá à humanidade. Mesmo sob as restrições da pandemia, vocês podem se unir.** (Thomas Bach, mensagem do COI, Julho de 2021, grifo nosso)¹.

A TV Globo também teve sua parcela de esforço na tentativa de engajar o público ao espírito do megaevento em meio ao contexto da pandemia, lançando uma campanha com uma frase que simbolizaria a superação mundial: “Olimpíada de Tóquio, despertando o melhor de nós”. O texto sobre a nova campanha divulgado no site do *Globo Esporte*² lembrava de lutas, corridas e da perda de algumas batalhas em 2020. E destacava que 2021 era o ano da “esperança, da superação, da união dos povos em torno de um abraço que há tanto tempo queremos dar”. Os Jogos trariam

¹ Cf.: Tokyo “great message of hope”- IOC president during visit to art centre. **Business Standard**. Disponível em: https://www.business-standard.com/article/sports/tokyo-great-message-of-hope-ioc-president-during-visit-to-art-centre-121073000915_1.html. Acesso em: 8 ago. 2021. (tradução e grifo nossos).

² Cf.: Globo lança nova campanha. **Ge.globo**, 14/2/2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/globo-lanca-nova-campanha-olimpiada-de-toquio-despertando-o-melhor-em-nos.ghtml>. Acesso em 20 jun. 2022.

a “inspiração” e a “motivação” de que precisávamos. O tom do texto estava em sintonia com a magnanimidade transmitida pela mensagem do COI naquele momento, ao mesmo tempo em que convocava a torcida para acompanhar mais de 200 horas de transmissão na *TV Globo*, no *SporTV* e no site *ge.globo*, que chegariam a mais de 180 milhões de pessoas. Aliás, uma das peculiaridades do evento de 2021 foi o fato de as arquibancadas estarem vazias, resultado de uma das medidas de prevenção sanitária por conta da pandemia. Se por um lado a medida concentrou ainda mais a audiência na mídia, por outro, o impacto da falta da torcida nas arenas para os atletas chegou a ser questionado por especialistas do esporte.

Ao longo dos anos, o espetáculo olímpico foi ficando mais potente, visto que os avanços tecnológicos têm permitido levar as imagens midiáticas em tempo real para uma audiência cada vez mais global. Atualmente, são 205 países participantes, com cerca de 10 mil atletas. Mais de 20 mil jornalistas credenciados pelo COI participam da cobertura do evento para um público de mais de 3 bilhões de telespectadores ao redor do mundo. O aumento da audiência televisiva permitiu o financiamento do COI no decorrer do período e, por sua vez, do “show” olímpico, transformando os donos da mídia nos verdadeiros “donos da bola”. Assim, a representação midiática do show nas arenas – em diferentes formatos de mídia, como televisivo, impresso e digital – parece ter acabado por se descolar do discurso oficial do COI, como veremos neste artigo.

Ao mesmo tempo em que a visibilidade dos Jogos estimulou o crescimento de

patrocínio para atletas e equipes, por outro lado, o excesso de comercialização do evento foi responsável por problemas e excessos na sua organização. Um exemplo é a adaptação do horário das competições à demanda da audiência sem levar em conta o que seria mais adequado aos atletas. Isso ocorreu nos Jogos Pequim 2008, quando a competição de natação mudou de horário para atender à audiência norte-americana.

Em 2001, o COI criou o *Olympic Broadcasting Services (OBS)*, um serviço de oferta de imagens dos principais momentos do evento para emissoras de televisão: as cerimônias de abertura e encerramento, e as competições esportivas. O objetivo foi garantir uma cobertura isenta dos Jogos e, também, obter recursos. A partir dessas imagens, as emissoras dos países selecionam, filtram e editam conforme seus interesses comerciais. Dessa mesma forma, ocorre com a mídia impressa que seleciona e edita conteúdo, construindo narrativas a partir disso e produzindo sentido às imagens.

Nesse contexto, a proposta deste artigo é refletir sobre a iniciativa do COI de tentar contribuir com a inclusão e facilitar o processo de integração de refugiados nas comunidades acolhedoras a partir da representação midiática da participação da Equipe Olímpica de Refugiados (EOR) nos Jogos Olímpicos. Os números do Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) mostram que a pandemia de covid-19 não alterou a tendência de aumento dos deslocamentos forçados. Até o fim de 2021, dos 89,3 milhões de pessoas deslocadas no mundo, 27,1 milhões eram refugiados, outros 4,6 milhões eram solicitantes de refúgio. A maior parte saiu da

Síria, Venezuela, Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar, e vive em países em desenvolvimento. Entre os principais países de acolhida, estão Turquia, Colômbia, Uganda, Paquistão e Alemanha.

O objeto desta pesquisa será os cadernos especiais dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* sobre os Jogos de Tóquio 2020, realizados em 2021, e o objetivo é identificar de que forma o *Outro* é representado ou até mesmo esquecido pela cobertura. Afinal, qual é o sentido de incluir uma equipe de refugiados nos Jogos?

Durante o megaevento esportivo, fica evidente que um dos efeitos dos aparatos midiáticos de visibilidade pública é o surgimento de novos heróis e a destruição de velhos outros, ou então a criação de estrelas e o esquecimento de potenciais representantes de determinados temas. Afinal, não representar determinado grupo é também não dar voz e, conseqüentemente, mantê-lo na invisibilidade. Portanto, representar a participação do refugiado nos Jogos é mostrar a posição que ele ocupa não apenas na sociedade de acolhimento, mas também no mundo: *titular ou reserva?*

Ao procurar entender o papel da mídia nas sociedades, o teórico cultural Stuart Hall (2016) usou a representação como conceito central, aproximando-se de uma perspectiva constitutiva sobre o ato representativo, nos processos de construção social da realidade. Palavras e coisas funcionam como signo e introduzem o domínio simbólico da vida social. Hall está ligado às epistemologias construtivistas e à teoria crítica. Ou seja, sentidos não são fixos, são construídos. Dessa forma, o teórico sugere interrogar a imagem para identificar os valores

contidos nela e além dela, até porque por trás de toda representação, segundo ele, há ideologia. É papel do teórico cultural, conforme destaca Hall, identificar e criticar essa ideologia. “Somos nós – na sociedade, dentro das culturas humanas – que fazemos as coisas terem sentido, que lhes damos significado. Sentidos, conseqüentemente, sempre mudam, de uma cultura ou período ao outro” (HALL, 2016, p. 108). É o que Hall chama de relativismo cultural entre uma e outra cultura. Não há equivalência total entre as culturas e, por isso mesmo, em alguns momentos, existe uma necessidade de tradução quando passamos de um universo mental ou conceitual para outro.

Hall (2016) destaca duas abordagens construtivistas para compreender a produção de sentidos: a semiótica e a discursiva. Na primeira, palavras, imagens e os próprios objetos podem carregar uma mensagem. A marcação da diferença e o estabelecimento de oposições binárias são importantes para dizer algo. Uma roupa cobre o corpo e protege do frio, por exemplo, mas também pode significar formalidade, elegância ou casualidade, a depender da peça usada.

Na abordagem discursiva, a verdade que entra em jogo não é a do conhecimento no sentido absoluto, mas a do discurso, ligado ao poder. Mais do que relações de sentido, relações de poder definem o lugar do sujeito, de acordo com a abordagem foucaultiana da representação. O poder passa a circular por todos os níveis da existência social, e não apenas de cima para baixo ou de uma única fonte. Essas relações vão direto para o âmago da sociedade. Nesse contexto, o discurso também produz um lugar para o sujeito na representação, e esse sujeito vai personificar formas

particulares de conhecimento, tais como o atleta herói, o refugiado excluído, “*the man of the match*”, ou seja, o craque de bola.

Portanto, dos códigos (significante) e conceitos mentais (significado) de Saussure do mito de Barthes, até a formação discursiva de Foucault, que sustenta um regime de verdade, em que o conhecimento ligado ao poder assume a autoridade da verdade, Hall percorre outros teóricos para afirmar que a teoria da representação é um projeto não acabado que segue em aberto, com forças e fraquezas, cheio de ideias complexas para serem analisadas e exploradas.

Refúgio versus Nacionalismo

A regra é clara. Todo competidor tem que ter a nacionalidade do país do Comitê Olímpico Nacional a que está vinculado. A norma referente à nacionalidade dos competidores está no item 41 da Carta Olímpica (2021), documento que determina as condições dos Jogos e rege o funcionamento do Movimento Olímpico, cujo objetivo é contribuir para a “construção de um mundo melhor e mais pacífico”, educando a juventude por meio do esporte (2021, p. 12). De fato, a regra relativa à determinação da nacionalidade do competidor transformou-se numa barreira para atletas em diversas situações que, por algum motivo, teriam que competir representando um país diferente do seu de origem. É o caso, por exemplo, de um atleta proveniente de um território que adquiriu independência ou foi incorporado a outro, levando a uma modificação de fronteira. No mundo

globalizado, de pessoas que se deslocam cada vez mais, há casos também de atletas que trocam de nacionalidade e querem competir representando seu novo país. Para dar conta desses casos específicos, a Carta Olímpica determina que questões relacionadas à nacionalidade dos competidores serão resolvidas pela comissão executiva do COI.

A ideia do COI de criar uma equipe de refugiados surgiu em 2015, quando a mídia divulgava o que seria “a maior crise humanitária” desde o fim da Segunda Guerra Mundial, que atingiu um “fluxo sem precedentes” no século XXI. Naquele ano, a publicação da foto do menino sírio Ayslan Kurdi, que morreu na tentativa de atravessar o Mar Mediterrâneo em busca de refúgio em outro país, criou comoção mundial. No ano seguinte, os Jogos Rio 2016 apresentaram a primeira Equipe Olímpica de Refugiados como forma de apoiar os atletas refugiados e facilitar a integração dessas pessoas nas comunidades acolhedoras. O apoio a atletas refugiados por meio de programas adotados pelo Solidariedade Olímpica foi formalizado na norma 5 da Carta Olímpica (2021, p. 17).

No ano em que a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados – o principal tratado internacional sobre o tema – completava 70 anos, os Jogos Olímpicos apresentaram ao mundo, pela segunda edição seguida, uma EOR. Com 29 atletas que participaram em 12 modalidades olímpicas, a equipe dos Jogos de Tóquio 2020 representava os mais de 80 milhões de pessoas em deslocamento forçado em todo o planeta, impactados por perseguições e conflitos de guerra. Durante a cerimônia de abertura, a equipe entrou com a bandeira olímpica e, nas representações oficiais, foi cantado o hino olímpico.

Ao analisar o discurso de dirigentes do COI sobre a criação da EOR, Pedersen (2018) revela que, enquanto o discurso de Estado-nação tem sido hegemônico ao longo da história dos Jogos Olímpicos, há sinais de esforços para dissolver antagonismos. Na época de sua criação, os Jogos foram articulados de modo a encorajar a cooperação internacional e a comunicação entre os Estados-nação. Naquele tempo, seria inconcebível a participação de indivíduos não pertencentes a um Estado-nação, o que impedia a participação de refugiados. Esse discurso ficou ainda mais consolidado após a Segunda Guerra Mundial. O refugiado seria, então, uma ameaça à hegemonia do discurso de Estado-nação e, por isso, considerado não apenas excluído, mas incompatível com a estrutura dos Jogos.

Pedersen (2018) destaca ainda que a criação da EOR em 2016 seria uma medida temporária para abrigar os refugiados sob a bandeira do COI. O uso de palavras como “crise”, “magnitude”, “emergência”, “ajuda” davam a dimensão de transitoriedade. O objetivo do Comitê não seria subverter a hegemonia do discurso de Estados-nação, mas se posicionar como um influente articulador internacional, transformando refugiados em “quase cidadãos” do COI, sem abandonar sua visão de mundo original. Tanto que, em 2016, Bach destacou que os atletas refugiados não tinham casa, nem time, nem bandeira, nem hino nacional. O COI estava oferecendo-lhes uma casa na Vila Olímpica junto com os demais atletas. O hino olímpico seria tocado em sua homenagem e a bandeira olímpica seria levada ao estádio. Foi encontrada uma solução para o COI se adequar às urgências contemporâneas sem abandonar a estrutura tradicional de Estado-nação do evento.

Para o COI, segundo Pedersen, a ideia era que os atletas refugiados fossem depois “absorvidos” pelos comitês nacionais e competissem com a bandeira dos países acolhedores. Portanto, “A possibilidade de participação olímpica de refugiados só foi considerada possível porque beneficia o COI e porque tem sido rearticulada e reforçada a hegemonia do discurso de Estado-nação” (PEDERSEN, 2018, p. 3).

Assim como a crescente preocupação mundial com os direitos humanos dificultou a manutenção da cultura tradicional e de não-intervenção do COI, levando à criação da EOR em 2016 – com atletas de cinco países acolhedores, dentre eles o Brasil – os Jogos Tóquio 2020 levantaram outros temas centrais, com destaque na mídia, historicamente excluídos. Foi o caso do aumento da participação feminina, dos negros e de atletas LGBTQIA+. No entanto, todos esses temas estiveram inseridos no discurso de Estado-nação do COI, reforçando o aspecto nacionalista dos Jogos.

Tem sido assim desde sempre. Quando o educador francês Pierre de Coubertin iniciou o Movimento Olímpico na era moderna, em 1892, inspirado nos Jogos da Grécia Antiga, a França ainda amargava a derrota da guerra franco-prussiana de duas décadas antes. Portanto, o sentimento de resgate do nacionalismo do povo francês sustentava a vontade de Coubertin de promover o esporte para contribuir com um mundo de paz, sobrepondo diferenças culturais e estimulando a solidariedade.

De lá para cá, os países se valem dos Jogos Olímpicos para se mostrarem ao mundo com suas equipes nacionais, ainda que a Carta Olímpica (2021, p. 18)

defina o evento como “competições entre atletas, em provas individuais ou por equipes, e não entre países”. O topo do quadro de medalhas é alvo de disputa entre potências, como se viu entre China e Estados Unidos, que adotaram diferentes critérios para a lista. O primeiro seguiu o COI, elevando ao topo o país com o maior número de medalhas de ouro. O segundo considerou o total de medalhas e liderou a lista durante o evento. Ambos de olho em se posicionarem no cenário mundial, através das lentes da mídia, que tem construído representações carregadas de paixão e ideais nacionalistas.

Pierre Bourdieu (1997) escreveu um texto reflexivo sobre os Jogos Olímpicos, apresentado durante uma conferência sobre esporte em 1992, em Berlim, no qual questionava sobre o que entendemos exatamente quando falamos do megaevento esportivo. De um lado, há um referencial aparente que é a manifestação “real”. Segundo Bourdieu, é o espetáculo propriamente esportivo, com as disputas entre atletas de vários países, os rituais das competições, e símbolos nacionalistas. Do outro lado, há o referencial oculto que, no caso da televisão – objeto da análise do sociólogo – é o conjunto das representações filmado e disseminado pela mídia televisiva. “Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade” (BOURDIEU, 1997, p. 123). Portanto, cada televisão nacional, conforme Bourdieu, dá mais espaço a um atleta ou a determinado esporte quanto mais ele for capaz de “satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista”. É um “confronto entre os campeões (no sentido de combatentes

devidamente delegados) de diferentes nações” (BOURDIEU, 1997, p. 124).

Bourdieu (1997) destaca os mecanismos que governam as práticas dos agentes envolvidos na construção social do espetáculo olímpico em dois níveis: das competições e das cerimônias que fazem parte do show, como os desfiles de abertura e encerramento; e a linguagem do marketing como instrumento de comunicação, ou seja, a produção da imagem enquanto suporte de espaço da publicidade. O texto de Bourdieu foi apresentado durante o Encontro Anual da Sociedade Filosófica para o Estudo do Esporte, estabelecida em 1972, para estimular e promover a pesquisa, o estudo e o ensino na filosofia do esporte e práticas afins. Em 1999, a Sociedade mudou seu nome para Associação Internacional para a Filosofia do Esporte (IAPS) e atualmente é integrada por uma comunidade internacional de acadêmicos e professores. Para Bourdieu, a conquista de um domínio coletivo desses mecanismos que governam a atuação daqueles que constroem o evento poderia favorecer a expansão das potencialidades de universalismo, “hoje ameaçadas de aniquilamento, contidas nos Jogos Olímpicos” (BOURDIEU, 1997, p. 127).

Os donos da bola

Se por um lado as narrativas oficiais sobre os direitos humanos tentam pausar a agenda midiática nos megaeventos esportivos, um estudo mais atento do conteúdo publicado nas edições mais recentes sobre os Jogos Olímpicos deixa evidente a existência de um espaço para

questionarmos a representação da diferença. Estudiosos da mídia buscam compreender de que maneira os tais “donos da bola” têm feito a divulgação não apenas do espetáculo olímpico, mas, sobretudo, da representação do espetáculo do *Outro* no momento olímpico.

Hall (2016) afirma que a representação da diferença envolve sentimentos, atitudes, emoções e mobiliza medos e ansiedades do espectador das imagens, objeto de sua análise. Por isso, Hall baseia-se na teoria da representação como prática de produção de significados. As imagens, segundo ele, não significam por conta própria, mas ganham um significado no contexto. Hall oferece diversos níveis de análise, que não são excludentes – o linguístico, o social, o cultural e o psíquico. No entanto, há dois aspectos gerais importantes: a diferença e a alteridade desempenham papel cada vez mais significativo nas disciplinas; e a diferença pode ser positiva ou negativa. Por um lado, a diferença é importante para a “formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito sexuado”. Ao mesmo tempo, a diferença pode ser “ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao ‘Outro’” (HALL, 2016, p. 160).

O refugiado é o diferente. É o estrangeiro, cujo significado jurídico é aquele que não tem a cidadania do país em que habita. Nas sociedades primitivas, como lembra Kristeva (1994), foi o inimigo. Hoje, sua presença leva a sociedade a refletir sobre novas formas de alteridade. Kristeva (1994, p. 10) afirma que o indivíduo moderno, “defensor de sua diferença,

não somente nacional e ética, mas essencialmente subjetiva”, não aceita o estranho. Afinal, esse estranho – no caso, o estrangeiro – propaga o paradoxo de não ser “inteiramente verdadeiro nem inteiramente falso”, pois precisa se fechar com suas inquietações e sentir a segurança de ser (KRISTEVA, 1994, p. 16). Para Simmel (2005, p. 265), o estrangeiro é um eterno suspeito e representa o “exterior e contrário” da sociedade e suas majorias. A noção do estranho, segundo Simmel, como momento de rechaço, forma uma relação de um com um outro. Há vários sentidos em relação ao estrangeiro, que pode estar mais próximo, quando se iguala em termos de cidadania, ou mais distante, quando não há laços de pertença. No entanto, sempre será alguém que não pertence ao grupo, o que induz a uma tensão mútua nas relações (SIMMEL, 2005).

Quando se define os excluídos como o *Outro* – no caso, os refugiados –, adota-se uma estratégia de cisão da estereotipagem, seguindo aspectos da análise de Hall (2016). Nesse contexto, o normal e aceitável é separado do anormal e inaceitável. O estereótipo, portanto, “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença” (HALL, 2016, p. 191). E isso ocorre quando há desigualdades de poder, ou seja, um ambiente propício para manutenção da ordem social e simbólica.

Gatrell (2010) afirma que na construção do refugiado moderno está em jogo a magnitude do deslocamento global, associado de maneira complexa às convulsões do século XX, como guerras mundiais e revoluções. E ainda à criação de uma categoria jurídico-burocrática que resultou da consolidação do Estado-nação e das noções associadas de pertencimento e titularidade.

Mas, segundo Gatrell, ninguém como Hannah Arendt conseguiu capturar as consequências desse processo de construção do refugiado moderno. No livro sobre as origens do totalitarismo, Arendt (2013) afirma que os novos refugiados (ela queria diferenciar dos exilados do século XIX) foram perseguidos não por terem feito ou pensado de um jeito ou de outro, mas por causa do que eles imutavelmente eram. Ou por terem nascido no tipo errado de raça ou o tipo errado de classe.

Segundo Gatrell, a formação do refugiado moderno não diz respeito apenas à categorização ou rotulagem. Trata-se de dispositivos institucionais para administrar e encarcerar refugiados. Desse modo, refugiados e campos de refugiados são mencionados simultaneamente. Além disso, há uma nova estética associada ao refugiado moderno que tem o uso da mídia de massa para chamar a atenção, ao que o filósofo Luc Boltanski chama de “sofrimento distante”. “O que isso significa é que o cidadão moderno veio a reconhecer ou “saber” sobre refugiados, sem nunca ficar cara a cara com eles (GATRELL, 2010, p. 3). Tanto que, para muitas pessoas ao redor do mundo, os Jogos Olímpicos foram a oportunidade para um encontro inédito com o tema do refúgio.

Durante a cerimônia do anúncio da nova EOR em 2016, o dirigente do COI tentava construir uma imagem positiva do refugiado, como alguém capaz de dar uma “contribuição para a sociedade” que o acolhe. Seguindo a teoria da representação de Hall (2016), seria uma tentativa de inversão do estereótipo do refugiado que representa um peso ou uma ameaça para o país. “Esses atletas refugiados mostrarão ao mundo que, apesar das tragédias

inimagináveis que enfrentaram, qualquer pessoa pode contribuir para a sociedade por meio de seu talento, habilidades e força do espírito humano”, afirmou Bach³. Símbolo de “esperança” e “conscientizar o mundo” da magnitude da “crise” foram as palavras destacadas na mensagem do dirigente do COI, divulgada no site do comitê. No entanto, a estratégia de inversão de estereótipos pode ser arriscada e levar a extremos. Além de deixar o refugiado com uma dívida moral com a sociedade acolhida, ao ser capaz de dar uma contribuição, todos os aspectos desafiadores do processo de refúgio que demandam atenção do país acolhedor são suprimidos, como se o sucesso da jornada dependesse apenas do esforço individual de cada um.

A consciência da imagem negativa pelos próprios refugiados ficou evidente em declarações divulgadas na mesma ocasião. Atletas considerados embaixadores dos refugiados agradeceram o apoio que lhes foi dado, ao mesmo tempo em que aproveitaram o espaço para tentar contestar o estereótipo de ameaça, como foi o caso de Yiech Pur Biel, do Sudão do Sul: “We are not bad people. It’s only a name to be a refugee” [Não somos pessoas más. É apenas um nome ser um refugiado].

Outra atleta que aproveitou para contestar a imagem do refugiado foi a nadadora síria Yusra Mardini ao destacar, por sua vez, que “We still are humans. We are not only refugees. We are like everyone in the world” [Ainda somos humanos. Não somos apenas

³ Cf.: Refugee Olympic Athletes deliver message of hope for displaced people. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/refugee-olympic-athletes-deliver-message-of-hope-for-displaced-people>. Acesso em: 22 jun. 2022.

refugiados. Somos como todos no mundo]. Yusra fugiu da guerra em 2015 e foi manchete dos principais jornais internacionais com sua história, quando nadou por mais de três horas para empurrar o bote que quebrou abarrotado com outros 18 refugiados a bordo durante a fuga da Síria. Mas, e a visibilidade midiática do desempenho dos refugiados nas competições esportivas? Qual foi o destaque selecionado e o espaço definido para as histórias dos integrantes da EOR durante os Jogos de Tóquio 2020?

A História fabricada

Cadernos especiais selecionam, recortam e destacam as informações que os jornais consideram mais relevantes em relação a determinado tema. O formato de suplemento – um caderno à parte que não pode ser vendido separadamente – configura-o em objeto específico de pesquisa. Assim, este artigo analisou de maneira qualitativa a cobertura dos suplementos especiais dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* sobre a participação de refugiados nos Jogos Tóquio 2020. Ambos começaram a ser divulgados no dia 23 de julho de 2021. A *Folha* publicou a última edição do suplemento no dia 8 de agosto de 2021 e *O Globo*, no dia 9 do mesmo mês.

O jornal *O Globo* não publicou matéria com destaque para refugiados em seu caderno especial. O tema foi abordado no jornal on-line, mas não chegou a ser incluído no suplemento. Ao longo das edições, *O Globo* deu maior destaque ao desempenho da equipe brasileira nos Jogos, como foram as manchetes “Favoritaços”, “Um pouquinho

de Brasil”, “Time Brasil – a cara de um país concentrado, mas diverso”. Atletas brasileiros em ascensão também tiveram destaque, como a ginasta Rebeca Andrade, que ganhou as seguintes manchetes: “Estrela”; “Iluminada – uma prata mais que simbólica”; “O ubuntu de Rebeca”. A mais jovem atleta brasileira a subir ao pódio, Rayssa Leal, de 13 anos de idade, foi outra atleta que foi referência nas manchetes, “Sorriso prateado”, por conta do aparelho nos dentes da menina. Das 20 edições especiais de *O Globo*, apenas três não faziam referência direta ao Brasil. Duas delas tratavam da ginasta norte-americana Simone Biles, que estreou sob altas expectativas num dia – “Anatomia de ouro” – e depois foi protagonista do debate sobre a preocupação com a saúde mental no esporte em “Sou só eu e minha cabeça, lidando com demônios”. A terceira capa tratava do desempenho do anfitrião dos Jogos no ranking de medalhas – “No controle”.

Não houve referência ao time dos refugiados do COI na matéria sobre a cerimônia de abertura dos Jogos nem na linha do tempo com as 20 capas reunidas na mesma página. Com o título “Do drama de Biles às façanhas do Brasil”, a linha do tempo apresentou a tônica dos temas levantados durante os “Jogos da pandemia”, com o destaque dos brasileiros nas novas modalidades esportivas (surfe e skate), a força das mulheres – que tiveram participação expressiva nas competições, e o debate em torno da saúde mental da ginasta americana. As únicas matérias que fizeram referência ao refúgio no caderno especial de *O Globo* foi “Imigração dá impulso aos campeões”, que tratou dos refugiados e filhos de imigrantes, competindo com a bandeira dos países acolhedores no atletismo, e sobre a atleta

bielorrussa Kristina Tismanuoskaia. A corredora belarrusa ganhou espaço em nota no pé de página no suplemento especial quando já tinha chegado na Polônia, após pedir asilo humanitário por ter criticado autoridades esportivas de seu país e ter sido forçada a deixar os Jogos por dirigentes de Belarus.

O jornal *Folha de S.Paulo* seguiu na mesma linha de *O Globo* ressaltando nas capas o desempenho do time brasileiro nos Jogos. Foi assim, por exemplo, em “Sem trauma” sobre o time de vôlei feminino, “Cruzado de ouro”, “Rainha do mar”, “De vento em popa”, “Salto para a glória”, “O brilho da Fadinha” e “Prata histórica”. No miolo do caderno, no entanto, a *Folha de S.Paulo* publicou algumas histórias sobre o refúgio. Entre elas, duas foram matérias de alto de página, sendo uma sobre o refugiado nascido no Sudão do Sul James Nyang Chiengjiek, que caiu na competição de atletismo, chegou em último lugar, pediu perdão e chorou, e a outra sobre a atleta holandesa nascida na Etiópia que também levou tombo, mas conseguiu se recuperar, conquistando sua primeira medalha olímpica.

Questões políticas ligadas ao refúgio também foram tema de matéria no especial da *Folha*, como a da atleta refugiada iraniana de taekwondo Kimia Alizadeh, que perdeu o bronze e foi atacada em seu país, e a história da corredora belarussa Kristina Tismanuoskaia, que pediu asilo humanitário durante os Jogos e teve duas matérias em dois dias seguidos. Nota-se que a *Folha* promoveu, em junho de 2021, iniciativa em parceria com a Agência da ONU para Refugiados (Acnur) e o Memorial América Latina com atividades de cultura

e informação sobre a realidade de pessoas forçadas a abandonar seus lares e que buscaram proteção internacional no Brasil.

Outras histórias relacionadas a atletas da Equipe Olímpica de Refugiados foram publicadas pelos dois jornais no meio digital, fora dos cadernos especiais. Foi o caso da história do judoca congolês em refúgio no Brasil, Popole Misenga, e do atraso na chegada da EOR aos Jogos de Tóquio por conta do caso de um dirigente infectado pela Covid-19. Vale ressaltar ainda que a nadadora refugiada da Síria Yusra Mardini, que teve destaque na cobertura jornalística dos Jogos Rio-2016 por ter salvado a vida de outros refugiados ao nadar no mar, enquanto fugia da guerra, arrastando um bote, não foi mencionada pelos dois jornais em suas publicações especiais durante o evento realizado em 2021.

Em 2022, na véspera do Dia Mundial do Refugiado, o COI anunciou a lista de 44 atletas refugiados que receberam bolsas olímpicas para ajudá-los a treinar para participarem do processo de seleção da Equipe Olímpica de Refugiados do COI Paris 2024. Os atletas vêm de 12 países (Afeganistão, Camarões, Congo, República Democrática do Congo, Eritreia, Etiópia, Iraque, Irã, Sudão do Sul, Sudão, Síria e Venezuela) e estão competindo em 12 esportes (atletismo, badminton, boxe, canoagem, ciclismo, judô, caratê, tiro, natação, taekwondo, levantamento de peso e luta livre). Desse grupo, 23 deles competiram como integrantes da equipe de refugiados do COI nos Jogos Rio 2016 e Tóquio 2020, como o judoca congolês Popole Misenga, outros três são atletas novos que ingressaram no programa de bolsas.

O status de refúgio dos atletas foi confirmado pela Agência da ONU para Refugiados (Acnur) e o apoio está sendo dado pelos comitês olímpicos nacionais de 16 países, entre eles, o Brasil. A informação foi divulgada no site do COI no dia 16 de junho de 2022 e não foi mencionada nos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo*. Será um sinal da falta de interesse da mídia brasileira pelo tema do refúgio nos Jogos? Em 2024, é importante acompanhar novamente a cobertura midiática em busca de mais respostas para compreender o sentido dessas representações.

Até lá, também haverá os desdobramentos dos efeitos dos mais de 14 milhões de ucranianos deslocados internamente ou em busca de refúgio em outros países por conta dos conflitos com a Rússia, que causou a mais veloz e uma das maiores crises de deslocamento forçado desde a Segunda Guerra Mundial. Aliás, durante os Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim 2022, o COI condenou de forma veemente a quebra da trégua olímpica pela Rússia. Tradição milenar para paralisar os conflitos durante os Jogos, de adesão não obrigatória, a regra tinha sido estabelecida em resolução da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em dezembro de 2021, determinando um cessar-fogo sete dias antes da abertura do megaevento esportivo até sete dias após o encerramento dos Jogos Paralímpicos, período que seria de 4 de fevereiro até 13 de março de 2022. No entanto, a Rússia ignorou a trégua e lançou uma invasão militar em larga escala contra a Ucrânia no dia 24 de fevereiro, numa clara demonstração do fracasso da entidade olímpica como ator diplomático internacional. Em resposta a um conflito político, o COI chegou a recomendar que os

atletas russos fossem deixados de fora das competições, em mais uma demonstração recente de que política e esporte se misturaram. No momento seguinte, o banimento não chegou a ser total, ficando os atletas impedidos apenas de competirem com a bandeira do país, de cantarem o hino ou carregarem qualquer símbolo russo.

Com a invasão russa na Ucrânia em 2022, o número de pessoas deslocadas no mundo passou de 100 milhões, de acordo com dados do Acnur⁴. Estima-se que, entre 2018 e 2021, mais de 1,5 milhão de crianças nasceram já em situação de refúgio e que 42% das pessoas deslocadas à força no mundo são crianças, uma população duplamente em situação de vulnerabilidade, pelas condições do refúgio e pela idade. Além de conflitos de guerra, o Acnur alerta para o aumento da escassez de comida, da inflação e da crise climática, quando projeções de financiamento para situações como esse tipo de resposta humanitária são pessimistas. Nesse contexto, a agência destaca para a necessidade de união da comunidade internacional para resolver conflitos e encontrar soluções duradouras. Ou corre-se o risco dessa tendência aterradora continuar.

Considerações finais

Temas ligados às questões de gênero, LGBTQIA+, inclusão racial e conflitos de

⁴ Cf.: Relatório Tendências Globais 2021, Genebra: Acnur, 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/15/acnur-deslocamento-global-atinge-novo-recorde-e-reforca-tendencia-de-crescimento-da-ultima-decada/> Acesso em: 18 jun. 2022.

Estado jogaram luz às questões universais nos Jogos Tóquio 2020 realizados durante a pandemia de Covid-19, conforme registros da mídia mundial. Nessa edição, boicotes para pautas de Estado perderam espaço para manifestações políticas individuais. Dessa vez, o COI flexibilizou suas regras e permitiu protestos dos atletas em alguns espaços antes do início das competições. Até 2016, qualquer manifestação era proibida, sob o argumento de que era preciso manter a neutralidade dos Jogos. A pressão para mudar as regras que vigoraram por 80 anos veio dos atletas, numa demonstração de que é possível mudar, mesmo que a mudança leve tempo.

Este artigo se propôs a analisar a cobertura referente à iniciativa do COI de contribuir com a inclusão e facilitar o processo de integração dos refugiados nas comunidades acolhedoras. Foram analisados os suplementos especiais dos jornais nacionais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* publicados durante o evento em 2021. Ficou evidente o tom nacionalista dos dois jornais, ao destacarem o desempenho de atletas brasileiros no evento que, desde suas origens, tem adotado um discurso de Estado-nação. No entanto, outros temas tiveram espaço de destaque na cobertura, como a questão racial, de gênero e a preocupação com a saúde mental dos atletas. Esses assuntos acabaram sendo, porém, de alguma forma, vinculados aos atletas brasileiros, numa demonstração de que são temas comuns que atravessam nacionalidades.

O tema do refúgio, por sua vez, teve destaque nos Jogos Tóquio 2020, mas, às vezes, de forma tangenciada, como nos momentos em que se tratou de migração. Um exemplo foi quando a tenista japonesa Naomi Osaka, que acendeu a pira olímpica

durante a cerimônia de abertura do evento, levantou diferentes bandeiras, como mulher negra, com histórico de depressão, filha de imigrantes de origem do Haiti e do Japão, moradora dos Estados Unidos. No entanto, a Equipe Olímpica de Refugiados criada pelo COI para dar visibilidade aos refugiados e facilitar sua integração nas comunidades acolhedoras não teve destaque específico nos suplementos especiais, o que pode ser uma demonstração da falta de interesse desses meios de comunicação em relação ao tema.

A migração internacional é um fenômeno irreversível e o mundo pós-pandemia deve reforçar o processo migratório, em especial da migração forçada e do refúgio, por conta de conflitos, da fome e da piora da qualidade de vida em muitos países. Ao mesmo tempo, forças de extrema-direita, xenófobas e intolerantes avançam pelo mundo todo. Portanto, selançar luz sobre questões humanitárias é papel da mídia, se os Jogos sempre foram um fenômeno cultural, político e econômico, é evidente que o megaevento esportivo seria uma oportunidade para unir esforços da comunidade internacional e dar visibilidade às questões ligadas ao refúgio por meio do esporte.

No entanto, a representação midiática que dá voz a quem não se vê representado também pode ser um indicativo de apagamento do *Outro* quando esquecido pela cobertura jornalística. A representação é política e a necessidade de elevação da autoestima do povo brasileiro pareceu ser mais importante do que contribuir para dar visibilidade a estrangeiros em busca de acolhimento. Com isso, o país com fama de hospitaleiro perdeu uma chance de ouro para mostrar que também acolhe atletas

com potencial para competir junto e trazer mais medalhas para seu histórico olímpico.

Esquecimento, desinteresse ou medo do *Outro*? Como definir temas prioritários? Como selecionar e recortar de forma a dar visibilidade e evitar apagamentos? Lembramos aqui a tese do filósofo Karl Marx (2007) sobre Feuerbach, na qual afirma que os filósofos interpretaram o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo. Os Jogos Olímpicos sugerem ser um retrato de quem somos, quando atletas dão lições de humanidade ao mundo, dentro e fora das arenas esportivas. Lutam para subir ao pódio. Em alguns momentos, porém, parecem não buscar a visibilidade com a conquista da medalha, mas com a própria história. Não querem ser heróis nem vilões. Querem ser reconhecidos por serem apenas o que são: humanos. Mas, conforme as lentes da imprensa definem as prioridades, os critérios e os limites do debate, o megaevento esportivo perde boa parte de sua potência e, no lugar de retratar quem somos, mais parece nos mostrar como querem que sejamos.■

[FERNANDA PARAGUASSU]

Jornalista, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisadora do grupo *Diaspotics* sobre migrações transnacionais, vinculado à Escola de Comunicação da UFRJ. E-mail: fparaguassu@gmail.com

[MOHAMMED ELHAJJI]

Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), integrante dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em Psicologia Social, pesquisador do CNPq, professor e coordenador local do Máster Erasmus Mundus em Migrações Transnacionais. E-mail: mohahajji@gmail.com

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- COI - COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Carta Olímpica**. Suíça: COI, 2013.
- GATRELL, Peter. **The Making of the Modern Refugee**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PEDERSEN, Trine Nørgaard. **The Possibility of Refugee Participation Throughout Olympic History: A Discourse Analysis of the International Olympic Committee's Discursive Construction of the Olympic Games**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Aalborg University, Aalborg, 2018.
- SIMMEL, Georg. O estrangeiro. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 16, n. 47, p. 350-357, 2005.
- TOOHEY, Kristine; VEAL, Anthony. **The Olympic Games: A Social Science Perspective**. Oxfordshire: CABI, 2007.

Lista de matérias

- ANATOMIA de ouro. **O Globo**, Rio de Janeiro: 27 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210727>. Acesso em: 7 dez. 2021.
- COMO SERÁ a cobertura dos jogos do Globo nos jogos da pandemia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210721>. Acesso em: 7 dez. 2021.
- CRUZADO de ouro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 7 ago. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49629&anchor=6439330&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

DE VENTO em popa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 ago. 2021. Disponível: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49621&anchor=6439058&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ESTRELA. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210729>. Acesso em: 7 dez. 2021.

FAVORITAÇOS. **O Globo**. Rio de Janeiro: 23 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210723>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ILUMINADA: uma prata mais que simbólica. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210730>. Acesso em: 7 dez. 2021.

MELLO, Bernardo. Imigração dá impulso aos campeões. **O Globo**, Rio de Janeiro: 6 ago. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Imigra%C3%A7%C3%A3o+d%C3%A1+impulso+aos+campe%C3%B5es>. Acesso em: 7 dez. 2022.

NO CONTROLE. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210729>. Acesso em: 7 dez. 2021.

OBRILHO da Fadinha. **FolhadeS.Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49605&anchor=6438453&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

O UBUNTU de Rebeca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210730>. Acesso em: 7 dez. 2022.

PRATA HISTORICA. **FolhadeS.Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49603&anchor=6438411&origem=busca&originURL=>. Acesso em 7 dez. 2022.

RAINHA do mar. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 4 ago. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49623&anchor=6439117&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SABINO, Alex. Ex-xodó do Irã, refugiada perde medalha, sai chorando e é atacada por país natal. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/ex-xodo-do-ira-refugiada-perde-medalha-sai-chorando-e-e-atacada-por-pais-natal.shtml>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SABINO, Alex. Refugiado cai, chega em último, pede perdão e desaba no choro no Estádio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49615&keyword=Nyang%20Chiengjiek&anchor=6438873&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SABINO, Alex. Sifan Hassan caiu de manhã e ganhou ouro à noite embalada por 20 copos de café. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49620&keyword=Sifan%20Hassan&anchor=6439054&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SALTO para a glória. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 ago. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49617&anchor=6438931&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SEM TRAUMA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 ago. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49627&anchor=6439241&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SOU SO EU e minha cabeça lidando com demônios. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210728>. Acesso em: 7 dez. 2021.

UM POUQUINHO de Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210722>. Acesso em: 7 dez. 2022.